

ANDRADE, Carolina Romano de. **O exercício de formação do professor pesquisador de si**. São Paulo: Instituto de Artes, UNESP, Departamento de Artes Cênicas e Fundamentos da Educação; Bolsista; Pós-doutorado, PNPd-Capes.

RESUMO: Esta comunicação parte das ideias de Jorge Larrosa (2018) que apresenta o ofício de professor a partir do ponto de vista do artesanato, relacionado à maestria do ofício do fazer, da vocação ou da descoberta “para o que nossas mãos são feitas”. Trago essa provocação para a disciplina Laboratório de Corpo, do curso de formação de professores do Instituto de Artes (campus São Paulo) Licenciatura em Artes-Teatro da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, durante o segundo semestre de 2018. Nesse contexto de formação inicial, os estudantes puderam experimentar o exercício de ser professor, por meio de suas proposições artísticas-pedagógicas realizadas pelos discentes. A ideia foi problematizar o conceito do ofício de ser professor na possibilidade dos estudantes estarem no mundo como artistas, educadores, pesquisadores de si, não só como aquele que olha para sua prática, mas que descobre seus pares, se investiga, e apura seu olhar para a descoberta do seu modo de ser professor.

PALAVRAS-CHAVE: Artes cênicas. Educação. Formação de professores.

ANDRADE, Carolina Romano de. **The training exercise of the research professor himself**. São Paulo: Institute of Arts, UNESP, Performing Arts and Fundamentals of Education Department; Scholarship holder; Postdoctoral, PNPd-Capes.

ABSTRACT: This paper work is based on Jorge Larrosa's concepts (2018) presenting the teacher's profession based on the notion of craftsmanship, related to the making ability of the vocation or discovery about “what our hands were made for”. I bring this provocation to the Laboratory of the body subject, of the training course of professors of the Institute of Arts (deanery of São Paulo) Bachelor of Arts-Theater of the State University Paulista Júlio de Mesquita Filho, during the second half of 2018. In that context of primal training, students were able to live the experience of teaching exercise through the artistic pedagogical proposals they made. The main goal was to problematize the concept of the profession of teacher based on the possibility that students are in the world as artists, educators, researchers of themselves. We are not only the one who observes their practice but also the one who discovers their peers, inquires and refines their gaze for the discovery of their way of being a teacher.

KEYWORDS: Performing arts. Education. Teachers training

As mãos, a oficina e o ofício.

Para o que nossas mãos são feitas?
Larrosa (2018)

Essa comunicação apresenta um relato de experiência da organização das aulas ministradas na formação de licenciados em Artes-Teatro na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Larrosa (2018) apresenta o ofício de professor a partir do ponto de vista do artesanato, relacionada à maestria do ofício do fazer, da vocação ou da descoberta “para o que nossas mãos são feitas”. Aproximo essa reflexão para a disciplina Laboratório de Corpo, essa é ministrada para os estudantes do segundo ano, 4º semestre do curso.

O entendimento da experiência em dança na perspectiva do professor é gerado sendo professor, na (in)corporação, na construção, na repetição de práticas, de comportamentos e modos que escolhemos durante toda nossa existência. Larrosa (2014) nos oferece pensar a educação a partir da experiência/sentido, como uma forma de estar no mundo e dar sentido ao que somos e o que nos acontece. A educação é composta de tempos, de duração do ano letivo, da aula, dos programas de formação, das planilhas dos prazos. Para que a experiência aconteça, precisamos que essa relação do tempo seja suspensão, como se abrissemos fendas no tempo. Nesse sentido, a experiência solicita uma mudança de atitude frente às urgências da contemporaneidade.

Dessa forma, a experiência, pautada no afetar-se por algo, necessita de outra relação com o tempo, ele desacelera para propiciar atenção ao movimento interno, ao olhar, a escuta, a contemplação. O tempo estendido, o tempo que não busca resultados momentâneos, mas abre fissuras.

(...) a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do

encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24).

O professor que provoca a experiência busca as brechas, onde o corpo se expanda; dá o tempo, onde não se tem tempo; o tempo que não temos mais, mas que procuramos cavar nos espaços de educação, para permitir que o sensível aconteça e que os *saberes da experiência em dança* (GODOY, 2012) possam ser (in)corporados, experienciados.

Diante desses pressupostos, as aulas foram divididas em uma proposição de Larossa (2018) em que acredita que um curso é dividido em três momentos distintos. O primeiro momento, denominado *o primeiro gesto ou a operação do tempo*. Para Larossa (2018): Tem a ver com o tempo, dar-se tempo, “dispor de tempo, liberar tempo, tempo liberado não apenas na exigência da produtividade e rentabilidade, mas também da urgência e da pressa (p.37)”. Para essa disciplina, determinei que seria o momento do *Mapeamento dos saberes e o reconhecimento de si ou encontro com o outro, comigo e com o ser professor*. Para isso, a proposta inicial foi mapear, no corpo e no corpo do outro, estruturas anatômicas básicas que permitissem colocar o corpo em movimento. Isto porque de acordo com Vianna (2005)

A dança começa no conhecimento dos processos internos. Você é estimulado a adquirir 'compreensão' de cada músculo e do que acontece quando se movimenta. Às vezes, por processos prazerosos ou dolorosos, as partes vão se ligando e você acaba entendendo o todo, tendo uma percepção integrada do corpo. (p. 104)

Para a compreensão do corpo foram desenvolvidos quatro encontros que buscaram o reconhecimento do corpo, das estruturas corporais, articulações e musculares e das evocações das memórias corporais e afetivas que aproximavam os estudantes de suas escolhas de ser professor. Durante as aulas, pesquisamos alguns aspectos relacionados ao reconhecimento de como, tais como: uma nova organização corporal, possibilidades de movimentos, de torções, de alterações rítmicas, percepção das estruturas corporais, das dinâmicas de movimentos, das relações entre corpos, de como eles podem compor juntos no espaço e estabelecer diálogos. A intenção foi

tornar o corpo ativo, disposto, curioso e questionador, como sendo uma forma de emancipação e reconhecimento de si.

O segundo momento do curso, denominado *O segundo gesto ou a operação do espaço*. Para Larossa (2018) o segundo gesto é dar espaço, dar lugar a todo mundo. O lugar que o professor abre aos estudantes e a si mesmo. É também o espaço do conhecimento, a escrita, a exposição, a partilha. Foi nesse momento que decidimos, nos dividir em grupos e que cada grupo escolheria um tema relacionado ao corpo, que seria desenvolvido nos encontros pelos próprios.

Nesse contexto de formação inicial, os estudantes puderam experienciar o exercício de ser professor, por meio da elaboração conjunta de proposições artísticas pedagógicas. Para tanto, os estudantes foram divididos em cinco grupos de trabalho, cada um deles possuía uma temática a ser desenvolvida, relacionada às proposições de corpo e os temas que seriam desenvolvidos durante o semestre, entre elas: uso dos apoios, organização do espaço, organização do tempo, organização do corpo e processos de criação corporais. Cada grupo iria desenvolver uma aula de duas horas, a partir do repertório de jogos corporais dos integrantes e estes deveriam estar relacionados ao tema principal. A partir desses temas, cada grupo iria desenvolver proposições artísticas pedagógicas que partiram inicialmente de três perguntas:

- O que é para você é ser professor?
- O que é ser professor de artes?
- O que te enraíza, quais os caminhos vocês acreditam ter que percorrer e onde querem chegar com teu ofício de professor artista?

Essas perguntas foram usadas em dois momentos, como disparadores para as proposições e para a partilha final de cada encontro, como veremos adiante.

A última parte do curso denominada *O terceiro gesto ou a operação material*. Para Larossa (2018) começar um curso é dar materialidade para

percorrer, uma linha (textual) para seguir ou se você quiser, um caminho, um estudo, uma pesquisa. Mas se trata de um estudo (ou de uma pesquisa) em que você deve estar presente. Foi nessa parte do curso os estudantes começaram a ministrar os encontros. Ao longo do semestre fomos dando materialidade aos temas escolhidos. Minha sugestão, como condutora desse processo, foi que os estudantes preparassem aulas/encontros que seriam aplicados nos colegas e ao final de cada encontro faríamos uma reflexão sobre o que havia acontecido.

As perguntas destacadas na segunda parte do curso eram respondidas primeiramente por quem ministrou o encontro, depois por quem fez e por último eu relatava meus apontamentos, a fim de não contagiar a observação dos estudantes.

Na primeira parte da conversa fazíamos uma reflexão sobre o professor olhando para si diante da sua prática, depois sobre a organização da proposição prática e discutíamos como os demais estudantes receberam as propostas. Por último os proponentes relatavam o que fariam de diferente e o que manteriam em suas proposições.

Foi interessante perceber como as orientações dadas pelos estudantes no papel de professores, serviram como disparadores que permitiam que os estudantes que receberam as aulas pudessem realizar suas investigações. E quando as instruções não eram eficientes, como na posição de professores puderam encontrar outras formas de estímulo, o cuidado nos enunciados dos exercícios foi uma recorrente preocupação dos estudantes, para que os objetivos iniciais de cada proposição fossem cumpridos.

No âmbito das aulas ministradas, além do aprendizado pela experiência proporcionada pelos exercícios, destaca-se a observação do estudante/docente em formação observando-se na condução das atividades. A possibilidade de organizar uma aula auxiliou no trabalho reflexivo do estudante/docente em como conduzir e principalmente escolher as palavras mais adequadas para o objetivo pretendido. Os estudantes refletiram sobre o quanto o excesso de informação em uma atividade pode prejudicar a

experiência individual. E que é necessário tentar obter um equilíbrio entre a vivência totalmente livre e o excesso de orientação em cada uma das proposições.

As aulas ministradas foram interessantes na medida em que os estudantes/professores puderem entrar em contato com a relação do que foi planejado sempre se difere daquilo que acontece de fato em uma aula.

O desafio foi interessante pela pluralidade dos interesses que havia em cada grupo, cada um com sua vivência e preocupações distintas. Nesse sentido, tornou-se um desafio afinar os diversos interesses em cada uma das aulas.

Outro ponto que os estudantes vivenciaram foi a relação do tempo de duração das aulas e das atividades. Na proposição de uma aula prática há sempre uma incerteza acerca do tempo que leva um exercício.

A partir deste ponto, os estudantes puderam compreender que se faz necessário uma flexibilidade na estrutura da aula para que ela abranja o tempo, as condições da turma e o lugar onde se aplica a aula. O tempo não é apenas o eixo de ligação entre tudo isso, como também entre o mundo exterior e o mundo interior do indivíduo (MACHADO,2012, p.04).

“Todavia a lição mais valiosa foi ministrar uma aula de corpo. Ver o que pode dar certo, saber a hora de parar, respeitar os encurtamentos do outro (e os seus próprios também)” (Relatório final dos estudantes, dezembro de 2018).

É interessante frisar que os estudantes/professores descobriram nas suas aulas a importância da participação do professor nos exercícios e também a escuta em sala de aula, pois a aula acontece no instante. Permitir-se identificar o que necessita ser adaptado só é viável se o professor coloca-se nesse papel de estar junto no fazer, para assim perceber se o que foi proposto ecoa na turma. Conseqüentemente trabalha-se a generosidade do professor ao desprender-se do planejamento de aula e adaptar quantas vezes forem necessárias.

“Descobri que é necessário estar poroso, portanto reconhecer-se, também sentir atmosfera do grupo para então fazer a aula a partir do encontro”. (Relatório final dos estudantes, dezembro de 2018). Este lugar solicita uma escuta, um olhar, uma percepção atenta do professor proponente para com os estudantes.

Os estudantes/professores puderam perceber o quão única é a oportunidade de se discutir sobre o trabalho realizado em sala, fazendo apontamentos, críticas, sugestões acerca da prática para melhor entendimento dos seus caminhos enquanto professores. Nesse espaço criado foi permitido errar, experimentar, experienciar e assim gerar experiências para os futuros professores. No entanto, sabemos ser um espaço utópico, no sentido de que no primeiro momento em que entrarem como professores em uma sala de aula, não ministrarão aulas para estudantes/professores. Isto provocou a reflexão de envolver os estudantes que virão?

Talvez reivindicar a experiência seja também reivindicar um modo de estar no mundo, um modo de habitar o mundo, um modo de habitar, também, esses espaços e esses tempos cada vez mais hostis que chamamos de espaços e tempos educativos. Espaços que podemos habitar como experts. Como especialistas, como profissionais, como críticos. Mas que, sem dúvida, habitamos também, como sujeitos da experiência. Abertos, vulneráveis, sensíveis, temerosos, de carne e osso. Espaços em que, às vezes, ocorre algo, o imprevisto. Espaços em que às vezes vacilam nossas palavras, nossos saberes, nossas técnicas, nossos poderes, nossas ideias, nossas intenções. (LAROSSA, 2011, p.24)

A oportunidade de experienciar como é estar do outro lado, o do professor, desenvolveu um olhar abrangente da relação entre professor e estudante, de forma prática, o que aproximou o campo de reflexões teóricas estudadas em outras disciplinas da graduação das práticas artísticas pedagógicas, que os estudantes vivenciarão nos estágios.

Sobre os Resultados

Para Larrosa (2018) um curso é feito com os outros e diante dos outros, feito de escutas, cheio de percursos interrompidos e desviados, nunca corresponde ao previsto ao planejado. Um curso é sobre alguma coisa, mas esse algo só pode ocorrer enquanto construído e delimitado ao longo do

próprio curso. Um curso está inserido em uma conversa que já existe. Por isso não inicia uma conversa, mas se entra nela e não a termina, mas sim a continua.

O papel do professor é propor essa conversa delimitando de certa forma, colocando sobre a mesa autores e textos que como personagens em uma peça vão compondo a conversa. Nesse sentido o professor não busca resultados, mas provoca efeitos, sempre imprevisíveis e inesperados.

A ideia para esse curso foi experienciar por meio de proposições corporais o ofício de professor na possibilidade dos estudantes estarem no mundo como artistas, educadores, pesquisadores de si. Não só como aquele que olha para sua prática, mas também descobre suas lutas, se investiga, e apura seu olhar para a descoberta do seu modo ser professor. A via de recepção era de mão dupla: eu me colocando como pesquisadora da minha prática, ao mesmo tempo em que auxiliava os estudantes/professores a descobrirem a sua prática. Seus modos de operação, suas reações e ações.

O estudo de si foi disparador para a construção do artista/professor. A partir do que o estudante apresenta e o conjunto das ações realizadas durante o trajeto da vida, é que cada história se constitui, é nesse processo que se busca de revelar a identidade do ser artista/professor. E é a partir desta identidade, historicamente construída e a todo o momento em mutação, que partimos para a realização desse trabalho.

O trabalho é ação que visa transformar a realidade. Ou seja, primeiramente se possui um projeto, um pensamento consciente que, posteriormente é dado materialidade. Nesse sentido, reforço o entendimento de Larossa (2018) que de “como é e como fazer isso de ser professor”, que só acontece e é gerado sendo professor. Ou seja, na prática.

“Nesse semestre não foi nos apontado onde podemos encontrar sapatos, mas aprendemos a construirmos nossos próprios sapatos”. (Relatório final dos estudantes, dezembro de 2018). Apesar desse reconhecimento, notei que a prática como conhecimento é pouco entendida ou difundida entre os estudantes, apesar do curso de Teatro estar permeado de experiências

práticas. Os estudantes tem arraigado em seu imaginário o modelo tradicional de aulas expositivas e apesar de declararem ter tido uma experiência (LAROSSA, 2002), sentiram falta de receber “aulas”.

O entrelaçamento entre teoria e prática no fim do curso aconteceu por terem vivenciado as experiências. A teoria começou a fazer sentido quando vivenciada. Apesar disso, os estudantes sentiram falta de ter aulas expositivas sobre os textos. A ideia não foi apresentar fórmulas, ou conhecimentos fechados, mas apresentar um caminho em que o futuro professor pudesse questionar suas práticas atuais e futuras.

Referências

GODOY, Kathya Maria Ayres de. (Org.). **Experiências compartilhadas em dança**: formação de plateia. v. 1. 1. ed. São Paulo: Instituto de Artes da Unesp, 2013. p. 73-76.

LARROSA, Jorge Bondía. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor, ed. Belo Horizonte: Autêntica 2018.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, jan-abr. 2002.

LARROSA, Jorge Bondía. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, dez. 2011.

MACHADO, Jorge. Reflexões sobre o tempo social. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15(6), “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”, pp. 11-22. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, dez. 2012.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 6ª ed. São Paulo: Summus, 2005.